# ARROZ

***A EVOLUÇÃO DA ÁREA CULTIVADA COM ARROZ NO PAÍS VEM REGISTRANDO DIMINUIÇÃO DESDE A SAFRA 1980/81, EM FUNÇÃO DOS PREÇOS BAIXOS VERIFICADOS, EM NÍVEL DE PRODUTOR. AO QUE TUDO INDICA, A PRÓXIMA SAFRA CONFIRMARÁ ESTA TENDÊNCIA, O QUE SUGERE A NECESSIDADE DE MAIOR ATENÇÃO PARA ESTE CULTIVO, POR PARTE DO GOVERNO FEDERAL.***

A safra 1982/83 foi avaliada, em agosto último, em 7,8 milhões de t, pelo IBGE, significando um recuo de cerca de 20%, em relação à oferta da safra anterior. Em termos de área, segundo a mesma fonte, seriam colhidos 5,1 milhões de ha, em 1983, enquanto que, em 1982, colheram-se pouco mais de 6 milhões de hectares. Para a Companhia de Financiamento da Produção, a área cultivada com a gramínea decresceu 8%, sendo 6% na região Centro-Sul (Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Rondônia) e 15% no Norte-Nordeste.

Em geral, os danos provocados ao arroz pelo clima abrangem principalmente o plantio de sequeiro, amplamente majoritário no país. Na última safra, porém, também os cultivos irrigados da região Sul foram afetados (ver Agroanalysis, vol. 7, nº 6).

Até o início de setembro, nada podia ser antecipado de concreto, nas principais zonas de produção, em razão destes últimos fatores. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as chuvas ainda não haviam cessado, deixando o solo extremamente esponjoso e criando alguma ansiedade quanto ao início do pré-plantio. Em 1982, chuvas durante o plantio levaram a um retardamento nas operações do período, que implicaram a utilização de sementes de variedades de ciclo curto, menos produtivas do que os cultivares que, esperava-se, seriam empregados. A alta dos preços recebidos pelos orizicultores do estado (cuja safra deverá ficar em 2,2 milhões de t, segundo o IBGE) tem permitido a diversas cooperativas do interior gaúcho considerarem possível o fechamento da comercialização deste ano com um preço médio entre Cr$ 5.000 e Cr$ 7.000/60 kg.

Os preços médios nacionais recebidos pelos orizicultores, entre janeiro e junho, entretanto, evoluíram apenas 35%, contra uma elevação do IGP de 67%, no mesmo período. No primeiro semestre de 1982, os produtores contaram com uma alta um pouco menor, de 33%, mas o IGP subiu 47%.

O Quadro 06 apresenta as estimativas do custo de produção em diversos estados. No caso do Rio Grande do Sul, o Instituto Rio-Grandense do Arroz (IRGA) promove uma atualização dos seus cálculos no mês de maio e, até fins de agosto, este trabalho ainda não havia sido concluído, devido à dificuldade em tratar com a correção do financiamento de custeio, na próxima safra. Na safra 1982/83, os custos financeiros advindos dos juros sobre o custeio, calculados em janeiro de 1982, correspondiam a 13,7% do custo total de produção de um hectare (Cr$ 36.797 em Cr$ 268.698/ha). Técnicos consideram possível aumentar para quase 30% esta participação, o que deixa alguma preocupação quanto ao próximo plantio. Sabe-se, porém, que havendo interesse em plantar, o atual atraso nas operações ainda será facilmente superável, havendo, caso prossiga o retardo, a possibilidade de uso de sementes de ciclo curto. Este

**QUADRO 06 – ARROZ – ESTIMATIVA DO CUSTO DE PRODUÇÃO POR UNIDADE PRODUZIDA, EM DIVERSOS ESTADOS – SAFRA 1982/83 (Cr$/50 kg)**

| ESTADO | ARROZ DE SEQUEIRO | ARROZ IRRIGADO |
|---|---|---|
| Ceará | 1.578,00 | 1.544,00 |
| Distrito Federal | 3.397,00 | 1.844,00 |
| Espírito Santo | 2.307,00 | 1.682,71 |
| Goiás | 3.422,87 | – |
| Maranhão | 2.100,00 | – |
| Minas Gerais | 1.648,00 | 2.256,00 |
| Mato Grosso | 1.520,69 | – |
| Pará | 1.839,00 | – |
| Paraná | 2.900,12 | – |
| Pernambuco | 2.148,00 | 1.344,00 |
| Rio Grande do Sul | – | 2.898,58 |
| Santa Catarina | 2.798,00 | 3.427,00 |

**FONTE – SUPLAN/Minagri**

interesse deverá aumentar, se o mercado do arroz se mantiver aquecido, nos próximos meses.

No caso do Maranhão, segundo maior produtor, na safra 1981/82, a situação ainda é um pouco mais complicada e merecedora de maior atenção. Naquele estado, apesar de o arroz constituir a alimentação básica da maior parte da população, sérias deficiências estruturais se entrelaçam, contribuindo para turvar, mais do que em outros grandes estados produtores, a visão da produção agropecuária. Deste modo, não se conseguiu ainda definir a real dimensão da safra orizícola de 1981/82, embora não haja grandes divergências quanto à quantidade final obtida. Sabe-se, apenas, que foi uma safra substancial, apesar de o aquecimento do mercado regional, na entressafra, ter deixado clara a superestimação da oferta do produto, por todas as fontes de informação. O mesmo se deu na safra 1982/83. As diversas avaliações não são discrepantes em seu resultado final, todas oscilando na faixa entre 438 mil e 450 mil t de arroz em casca. No entanto, não é possível conhecer a extensão da quebra pois, à semelhança do ocorrido um ano antes, tanto a área cultivada quanto a produção esperada parecem ter sido superavaliadas. O Quadro 07 apresenta as mais recentes estimativas da quebra da safra maranhense, levantadas pelo IBGE, que concluem ter ocorrido uma frustração de cerca de 65%.

A partir do grande desfalque da produção do Maranhão, a CFP estimou o déficit no abastecimento de arroz para o Nordeste em 436 mil t, que deverão ser transferidas de outras regiões. Usualmente, a produção do estado, além de atender primordialmente ao auto-consumo, abastece os estados vizinhos, principalmente o Piauí, Ceará, Paraíba, Pará e Goiás (o produto beneficiado também abastece Minas Gerais e Bahia). O Quadro 08 apresenta um balanço de oferta e demanda da orizicultura maranhense.

A elevação dos preços do produto, no Nordeste, é um eficiente indicador da escassez e para contê-la, far-se-á necessário usar os estoques quase esgotados do governo federal. A dificuldade da elaboração de uma estratégia para o abastecimento é, em conseqüência das carências anteriormente referidas, também maior do que em outras regiões.

Evidentemente, as instituições envolvidas não operam, na região, com menor grau de eficiência. Sem dúvida, a persistência de um cultivo rudimentar e a configuração do estado ainda como zona de expansão da fronteira agrícola respondem por estes problemas. De fato, o plantio de sequeiro é amplamente majoritário, sendo, em sua maior parte, constituído por lavouras de subsistência e itinerantes. Embora o acesso ao crédito para custeio esteja aberto a todos os produtores, o fato de 80% dos orizicultores se enquadrarem nas categorias mini e pequenos produtores impede sua utilização, pelo caráter arredio destas modalidades de agricultores. Além do mais, a preponderância de posseiros nesta atividade implica a exigência de apresentação de uma ***carta de anuência*** do proprietário, o que nem sempre é factível.

Também a possibilidade da garantia de uma produção mais segura, mediante inovações tecnológicas e ganhos de produtividade é dificultada por esta caracterização.

Essa situação, mesmo não sendo estática, parece incapaz de se modificar a curto e médio prazos. Salvo o contínuo deslocamento dos posseiros rumo à Amazônia e a expansão das lavouras mecanizadas

**QUADRO 07 – ARROZ – MARANHÃO – ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA E COLHIDA, DE PRODUÇÃO ESPERADA E OBTIDA E VARIAÇÃO PERCENTUAL – SAFRA 1982/83**

| MICRORREGIÃO | ÁREA (ha) | | PRODUÇÃO (t) | | VARIAÇÃO PERCENTUAL | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | Plantada[1] | Colhida | Esperada | Obtida | Área | Produção |
| Gurupi | 26.900 | 21.420 | 35.538 | 15.445 | –20 | –56 |
| Baixada Ocidental Maranhense | 64.385 | 55.708 | 64.897 | 56.065 | – | –14 |
| São Luís | 3.257 | 696 | 3.564 | 623 | –79 | –82 |
| Baixada Oriental Maranhense | 4.679 | 2.749 | 4.771 | 2.886 | –41 | –39 |
| Baixo Parnaíba Maranhense | 29.200 | 24.408 | 35.788 | 18.684 | –16 | –48 |
| Pindaré | 144.050 | 145.050 | 194.969 | 100.286 | – | –49 |
| Mearim | 102.754 | 70.374 | 132.861 | 33.409 | –31 | –75 |
| Itapecuru | 176.538 | 48.549 | 214.766 | 39.182 | –72 | – |
| Alto Munim | 35.462 | 18.671 | 37.492 | 16.841 | –47 | –55 |
| Imperatriz | 96.450 | 96.450 | 173.362 | 55.528 | – | –68 |
| Altos Mearim e Grajaú | 55.050 | 37.800 | 68.264 | 8.424 | –31 | –88 |
| Médio Mearim | 72.157 | 61.031 | 104.083 | 33.866 | –15 | –67 |
| Alto Itapecuru | 22.600 | 23.200 | 20.996 | 11.195 | – | –47 |
| Chapadas do Sul Maranhense | 83.780 | 70.925 | 83.338 | 23.779 | –15 | –71 |
| Baixo Balsas | 20.272 | 24.123 | 21.239 | 6.189 | 19 | –71 |
| Pastos Bons | 22.535 | 21.899 | 20.658 | 8.596 | – | –58 |

**FONTE – IBGE**

[1] **Primeira estimativa.**

no Sul do estado, outras trilhas evolutivas parecem excluídas. Assim, pode-se ter como certo que o arroz continuará sendo plantado como lavoura principal pelos produtores que dele necessitam para sua subsistência.

Quanto aos médios e grandes produtores, que utilizam crédito bancário, fontes estaduais estimam que reduzirão em até 10% a área plantada na safra 1982/83. Estes agricultores não chegam a ser 10% do total dos orizicultores maranhenses, mas atendem pela totalidade dos financiamentos do Banco do Brasil que, por sua vez, é responsável por mais de 90% da concessão do crédito rural no estado.

A grande indefinição que cerca os números referentes à produção do ex-segundo maior estado produtor de arroz poderá reduzir-se sobremaneira quando se realizar uma pesquisa por amostragem, patrocinada pelo IBGE, que deverá cobrir 114 municípios e 3.386 informantes. Este trabalho, de fundamental importância, deveria ter sido iniciado em abril passado, mas esbarrou na falta de recursos com que se defrontam os organismos públicos. Desenvolvido a partir do início do próximo plantio, permitirá um planejamento baseado em dados bem mais concretos, beneficiando tanto os setores produtivos quanto os consumidores.

Mesmo com este trabalho, porém, será impossível determinar quanto foi efetivamente plantado na última safra. Devido à estiagem, ocorreu uma série de plantios e replantios, sucessivamente perdidos e, no interior do estado, a expectativa infundada de que o governo federal perdoaria as dívidas contraídas junto aos bancos (foram prorrogadas) levou à divulgação de perdas exageradas.

As demais regiões também apresentam problemas. No Centro-Oeste, apesar dos ganhos de produtividade recentemente obtidos, tudo indica que a fácil adaptabilidade da soja e a perspectiva bastante animadora que apresenta o mercado internacional desta leguminosa, farão com que se opte por seu cultivo em áreas de arroz. Também o milho surge como con-

QUADRO 08 – ARROZ EM CASCA – MARANHÃO – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA – SAFRAS 1977/78 A 1982

| SAFRA | OFERTA (t) | | | | CONSUMO (t) | | | SALDO |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Produção | Estoque | Total | PERDA (t) | Humano | Sementes | Total | |
| 1977/78 | 1.142.704 | 19.373 | 1.162.077 | 619.387 | 285.387 | 19.380 | 924.154 | 237.923 |
| 1978/79 | 1.070.190 | 29.357 | 1.099.547 | 586.058 | 291.506 | 20.661 | 898.225 | 201.322 |
| 1979/80 | 1.281.316 | 167.753 | 1.449.069 | 772.354 | 329.915 | 24.721 | 1.126.900 | 322.079 |
| 1980/81 | 721.966 | 10.828 | 732.794 | 390.579 | 343.772 | 25.190 | 759.540 | –26.747 |
| 1981/82 | 1.610.094 | 79.877 | 1.689.971 | 900.754 | 351.367 | 28.752 | 1.280.873 | 409.098 |

FONTE – CIBRAZEM, CEPA

corrente em área e a CFP tem considerado possível a extensão destes dois plantios, em detrimento do arroz. Observe-se que, segundo a CEPA–GO (Quadro 06), Goiás e o Distrito Federal teriam sido as únicas regiões em que o preço mínimo não foi maior do que o custo da saca produzida nesta última safra. Assim, o recuo da área cultivada com o arroz parece inevitável.

Deste modo, com uma repetição da área de plantio gaúcha (ver Quadro 09)uma possível redução no Maranhão e uma quase certa diminuição no Centro-Oeste, o abastecimento do produto não deverá ser muito tranqüilo, no próximo ano. Com efeito, à produção de cerca de 7,9 milhões de t da última safra, o governo federal não poderia incorporar mais do que suas 296 mil t de arroz em casca, em poder da CFP e 159 mil, do IRGA. Ter-se-ia, portanto, uma oferta de 8,4 milhões de t, para atender a um consumo estimado para o ano de 9,6 milhões de t. Devido a esta diferença, os preços do arroz apresentaram uma elevação continuada, pois passou-se a contar, basicamente, com a liberação dos estoques mantidos por particulares, para o suprimento do mercado. Segundo a FIDENE, o preço do arroz ao consumidor evoluiu 116% de janeiro a agosto, superando a elevação do IGP. Para os produtores, no entanto, a alta dos preços, no mesmo período, foi de apenas 67%.

A CFP avaliou a disponibilidade do arroz estocado pela iniciativa privada em pouco mais de 1 milhão de t, o que poderia assegurar uma oferta total do produto muito próxima às necessidades do consumo. Esta estimativa, porém, pode conter uma elevada margem de erro, o que justificaria os cálculos de diversas entidades de que as anunciadas importações do produto poderiam ultrapassar as 300 mil t.

A posição atual dos estoques governamentais é calculada em cerca de 460 mil t (chegou a 730 mil t, mas foram vendidas 270 mil t), o que permite assegurar o abastecimento do Centro-Sul até dezembro (a região conta com um superávit de 436 mil t, enquanto o Norte-Nordeste apresenta em déficit de 504 mil t).

As importações previstas (já foram emitidas guias de importação referentes a 163 mil t) deverão abastecer, porém, o Centro-Sul, que está enviando arroz para o Nordeste. Ao contrário de anos anteriores (ver Quadro 10) foram inteiramente entregues à iniciativa privada. Esta atribuição de responsabilidade às empresas do ramo deverá dificultar as compras externas, uma vez que a cotação do produto no mercado internacional é superior às vigentes internamente. Embora estas empresas possam contar com novas elevações do preço do arroz no mercado interno, principalmente a partir de outubro, quando estará mais bem definido o plantio e se sentirá melhor a falta do produto, é compreensível que temam pela compra, pois não deverão repassar o arroz ao governo, cuidando elas mesmas da comercialização. A incerteza quanto à política cambial também pode ser citada como obstáculo à tomada de decisão de concretizar as importações.

**QUADRO 09 – RIO GRANDE DO SUL – ARROZ – ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO, PRODUTIVIDADE E VARIAÇÃO PERCENTUAL – SAFRAS 1981/82 E 1982/83**

| SAFRA | MODALIDADE DE CULTIVO | ÁREA PLANTADA | Δ% | PRODUÇÃO (t) | Δ% | PRODUTIVIDADE (kg/ha) | Δ% |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1981/82 | Irrigado | 582.328 | – | 2.562.342 | – | 4.364 | – |
| | Sequeiro | 36.926 | – | 26.543 | – | 719 | – |
| | Total | 624.254 | – | 2.589.885 | – | 4.149 | – |
| 1982/83 | Irrigado | 602.237 | 2,7 | 2.200.206 | –14,1 | 3.647 | –16,4 |
| | Sequeiro | 33.017 | –10,5 | 37.449 | 42,6 | 1.134 | 57,7 |
| | Total | 636.255 | 1,9 | 2.237.665 | –13,6 | 3.517 | –15 |

**FONTE – GCEA**

Mantendo-se esta situação, os preços do arroz prosseguirão subindo, em todos os níveis de comercialização e há quem advogue estabelecer o tabelamento. Este poderia salvaguardar, por algum tempo, os interesses dos consumidores, mas reduziria a rentabilidade do negócio agrícola, desmantelando a única possibilidade, hoje, de se garantir um plantio razoável do cereal.

Aliás, é possível que o arroz venha a merecer, senão agora, mas em breve, um tratamento preferencial, à semelhança do concedido ao cultivo do feijão, com 1% adicional no Proagro ou adiantamento integral do VBC para o arroz de sequeiro, como já foi reivindicado anteriormente. Tais medidas contribuiriam para incentivar o plantio de um produto extremamente importante, em sua modalidade de cultivo mais rudimentar, em que se destaca, ainda, a produção de subsistência.

**QUADRO 10 – ARROZ – PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO INTERNACIONAL – 1981 E 1982**

| ESPECIFICAÇÃO | QUANTIDADE (t) | | | | VALOR (US$ 1.000,00) | | | | PREÇO MÉDIO (US$/t 1.000 t) | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Exportação (FOB) | | Importação (CIF) | | Exportação (FOB) | | Importação (CIF) | | Exportação (FOB) | | Importação (CIF) | |
| | 1981 | 1982 | 1981 | 1982 | 1981 | 1982 | 1981 | 1982 | 1981 | 1982 | 1981 | 1982 |
| Arroz com casca | – | 150 | 700 | 35.700 | – | 135 | 391 | 7.390 | – | 0,90 | 0,56 | 0,21 |
| Arroz sem casca | 43.581 | 7.805 | 1.060 | 123.000 | 17.107 | 2.706 | 412 | 41.790 | 0,39 | 0,35 | 0,39 | 0,34 |
| Arroz partido | 949 | 11.699 | – | – | 251 | 3.503 | – | – | 0,26 | 0,30 | – | – |
| Farelo de arroz | – | 10.200 | 1.250 | – | – | 1.170 | 115 | – | – | 0,11 | 0,09 | – |

**FONTE – CACEX**